

ASSIGNATURAS  
Corie, anno..... 10\$000  
Semestre..... 5\$500  
Trimestre..... 3\$000  
Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

# O SORRISO

ASSIGNATURAS  
Provincias, anno. 12\$000  
Semestre..... 7\$000  
Trimestre..... 4\$000  
Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO  
Dedicado ás Páças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Alice Clapp, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, M. F. Machado, F. A. Costa, etc.

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1880 N. 14

## Presente de annos

O Juca, o meu amigo, a per'la humanizada,  
E' grato á Leonor, que adora em demasia ;  
A moça ao Juca, em vão, por uma agulha enfia,  
Dá-lhe a vida o rapaz, si lh'exigir a amada.

×

Mas a bella moçoila em versos decantada,  
( Pois o Juca tambem arranha em poesia )  
Gasta um «kilo» talvez de pó de arroz por dia  
E s'expõe na janella assim enfarinhada.

×

Chegou-se o Juca a mim um dia em grande gala,  
E me disse sem mais :—« Faz annos Leonor ;  
« Vou já tomar um carro e parto p'ra saudal-a.

×

« Mas quero dar-lhe um mimo, e cousa de primor,  
« Em meu logar, amigo, o que darias, falla...»  
—Ou um sacco de cal, ou rijo espanador !

S. JUNIOR.

## Soneto

A sala estava cheia !—ao casamento  
Affluam mil diversos convidados ;  
Uns de luva—pellica, encasacados,  
Todos na altura do gentil momento.

×

Faltava vir a noiva,—o soffrimento  
Crescia a palmos dois agigantados ;  
Quando alguem vem dizer em tons magoados :  
— Que a noiva não quer mais...—Oh desalento !

×

Estreita-se uma roda,—os cavalheiros  
Não sabem que fazer do desaponto,  
Indagam já do caso...—O bom Medeiros

×

Em vão falla, barulha :—é farça, é conto...  
Eu casado ? !—é mentira, e, entre berreiros,  
Ao soneto fatal põe mais de um ponto...

SYMPHRONIO CARDOSO.

## Serões da Província

POR  
JULIO DINIZ

## AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

Em vão tentava defender-me, em vão D. Margarida se esforçava a pedir silencio; a irritação fazia bramir os tres argumentadores, ligados excepcionalmente contra o inimigo commum, que, por graça especial, haviam encarnado na minha pessoa.

Durava e promettia perpetuar-se esta algazarra infernal, quando a porta do salão se abriu violentamente e Thomaz appareceu no limiar, fazendo de subito, e como por encanto, cessar todo o ruido.

A scena era d'um effeito theatral.

Thomaz, mais que nunca excessivamente pallido, com os labios tremulos, e os olhos como pizados de chorar, parou por algum tempo á entrada da sala e correu com a vista os circumstantes, que todos permaneceram mudos debaixo do olhar d'aquelle, que momentos antes tratavam de creança. N'aquella physionomia energica haviam pela primeira vez reconhecido o homem.

A expressão do pai accentuava-se profundamente nas feições do filho. A senhora de Entre-arroios, vendo-o, juntou as mãos e elevou os olhos para o retrato do marido. Dir-se-hia que acreditava em uma apparição.

Thomaz entrou para a sala.

— Sei do que se trata;— disse com voz alterada—agradeço o incommodo que têm tomado por minha causa, meus senhores; porém dispenso tal intervenção.

E voltando-se para a mãe:

— Minha mãe, o meu destino está nas

suas mãos. A mãe sabe que tudo quanto de si me vier eu o receberei, como costume receber as suas bençãos, de joelhos e com gratidão. E ajoelhando diante d'ella beijoulhe affectuosamente a mão.

As lagrimas saltavam pelas faces da pobre senhora.

Thomaz ergueu-se e, enxugando os olhos tambem, continuou:

— Mas não fallemos por ora n'isto. De uma cousa mais grave lhe vinha fallar, mãe.

Eu quiz deixar o quarto e consegui que os outros fingissem imitar-me.

— Não, não, fiquem—exclamou Thomaz, detendo-nos com um gesto—o que eu tenho a dizer a minha mãe não me envergonha; antes estimo tel-os por testemunhas.

— Jesus, meu filho! que tens tu, que me assustas?

— Não é nada—disse Thomaz cada vez mais dominado por uma commoção desconhecida—e depois continuou:

— E' que o seu doente, doutor, acaba de me expirar nos braços, Paulina está orphã.

Passado um momento de silenciosa hesitação, accrescentou com voz lenta e firme:

— E Paulina é desde hoje minha desposada.

## VI

Não sei de cousa alguma que podesse determinar n'esta occasião um espanto igual ao que produziram as palavras de Thomaz.

A mais viva surpresa se desenhava no rosto dos circumstantes. Eu mesmo, que tinha motivos para menos do que os outros me maravilhar, não pude reprimir um gesto de admiração, ao ouvir aquellas poucas palavras pronunciadas com voz tão

segura, que bem denunciava a resolução inabalável que as dictara.

A senhora de Entre-arroios olhava para o filho, como se ainda lhe parecesse um sonho o que tinha ouvido, e desejasse assegurar-se da realidade.

— E' uma divida sagrada, minha mãe, continuou Thomaz, contrahi-a junto do leito de um moribundo, e sobre a cabeça de uma orphã;—contrahi-a, invocando o nome d'aquelle, que parece d'acolá olhar-me e comprehender-me—e apontava para o retrato do pae; depois continuou mais baixo:—contrahi-a, inspirado pelo amor.

Estas ultimas palavras explicaram melhor a D. Margarida o acontecimento; mas a revelação assustava-a, sem talvez bem saber porque. A pobre senhora escondeu a cabeça entre as mãos, murmurando com voz sumida:

— Jesus, meu Deus! E assim se conservou alguns minutos.

Thomaz não despregava os olhos da mãe, como se das primeiras palavras, que ella pronunciasse, lhe dependesse a vida.

O resto dos personagens d'esta scena, entre os quaes me incluo tambem, não se sentia á vontade.

Tudo se devia decidir entre a mãe e o filho. Ha nas familias acontecimentos, em que toda a intervenção d'um estranho é inconveniente.

Nenhum de nós ousava fallar e conservavamos a immobildade d'um quadro vivo.

No fim de alguns momentos, D. Margarida ergueu a cabeça. Impressionou-me o ar de nobreza e resolução que se lhe lia no gesto. Era uma nova metamorphose d'esta mulher singular.

— E' promessa sagrada, meu filho,—disse ella—ha-de cumprir-se.

E fitou os olhos no retrato do marido, como se d'ahi lhe viera a inspiração.

— O' minha mãe! —exclamou Thomaz, ajoelhando diante d'ella.

D. Margarida susteve-o com a mão.

— Não sejam todos crianças, Thomaz. Escuta, que não consinto sem condições.

— Não preciso sabel-as, para me sujeitar a ellas.

— O Sr. D...—continuou D. Margarida, olhando para mim,—disse-me ter de partir ámanhã já para o Porto; has-de acompanhal-o; e d'ahí tu proprio escolherás a carreira que mais te agradar seguir.

— A'manhã? já!

— E' preciso. A vontade de teu pai é tão sagrada como a tua promessa, filho. E' tempo de a cumprir; e ha mais que o devera ter feito.

— Seja... mas...

Thomaz hesitou ao continuar: a mãe porém adivinhou o resto; attrahiu-o a si, estreitou-o nos braços, e, beijando-lhe a fronte com o maior carinho, disse-lhe a meia voz:

— Descança; ella será minha filha.

Estas palavras fizeram rebentar as lagrimas a Thomaz.

— Oh! obrigado; o coração dizia-me que a mãe me não havia de querer mal por isto.

— Querer-te mal, filho! E depois, afastando-o:

— Não é verdade, Sr. D..., que nos fará o obsequio de acompanhar Thomaz?

— Tudo em que a puder servir, minha senhora.

E de novo recahimos em silencio.

Os convidados apressaram-se em abandonar esta casa, onde respiravam uma atmosphera de constrangimento.

(Continúa)

**Vozes no deserto**

Quereis, mancebos, viver sempre felizes?

Nunca ameis!

O amor é a serpente que se enrosca á victima para mais certa trucidal-a! E' chuva de gelo que empedernece o coração, e como o opio que adormece a alma esterilizando-a!

Admirai as mulheres como se fossem estatuas para distrahir-vos os olhos e despertar em vós o gosto do bello, não fixeis, porém, n'ellas os vossos olhares por muito tempo para não virdes mais tarde a odiar-as!

Contemplai-as indifferentes, porque em seus olhos talvez encontreis o fogo que tem de devorar-vos, a setta que ha-de ferir-vos!

Desconfiai desses olhares de fogo, dessas fallas trementes, porque a indiferença e o calculo n'elles predominam!

Não creiais em mulheres; insensíveis a tudo, dar-vos-hão em represalia de um amor sem limites o desprezo, a frieza de que seus peitos são impregnados!...

Nunca ameis, mancebos.

A mulher desconhece a sublimidade do amor; esta palavra, ellas o dizem, é uma chimera e tolos os que n'ella crêm!

Tratai-as como vos tratam; indiferença com indiferença, hypocrisia com hypocrisia, mentira por mentira, e eu vos asseguro que haveis de viver sempre felizes!

E' um mancebo como vós que vos falla! um joven que teve um sonho e d'elle despertou em lagrimas, porque a um olhar de mulher humilhou-se e incensou-a nas aras do amor!

Nunca ameis!

O amor é a aspide que innocula o seu veneno nos calices das flores! é o abysmo onde as mais das vezes atiramos as nossas esperanças e mais caras illusões, a senda que mais depressa nos leva ao desanimo e scepticismo!

A. O.

**Vozes d'alma**

Quereis, mancebos, viver sempre felizes?

Amai!

O amor é a hera que se enrosca á vida para amparar-lhe as ruinas da existencia. E' a chuva de orvalho que floresce o coração; e como o opio que lhe adormece as amarguras para lhe esmaltar a vida de resplendores.

Admirai as mulheres, como a suprema expressão do Creador. Buscai no seu olhar, no seu meigo carinho o aconchego da vossa alma erma e perdida, fria e gelada, sem as irradiações que se emanam da sua aureola de luz.

Fixai-as com todo o entusiasmo de vossa crença, porque em seus olhos encontrareis o fogo que tem de animar-vos a vida e a setta que ao trespassar vossos corações terá de fixar e unir para sempre duas existencias do céu.

Confiai n'esses olhares de fogo, escutai essas magnificas fallas trementes, porque ellas só exprimem lealdade, porque ellas só aspiram a tornar-vos felizes.

Crêde nas mulheres: sempre dedicadas, dar-vos-hão em troca da vossa frieza, da vossa perfidia, o sublime amor, a essencia de suas almas crystalinas!

Amai, mancebos, amai!

Só a mulher conhece a sublimidade do amor; esta palavra encerra em si um paraizo, ellas o dizem, e só quebra as algemas do cárcere da vida, quem se acalenta a um dos seus raios suavissimos!

Dai-lhe vossa alma em troca do seu amor, dai-lhe vossa crença em troca da sua abnegação sublime e eu vos asseguro a vossa suprema felicidade na terra.

E' um mancebo como vós que vos falla! Um joven que teve um sonho tenebroso e que d'elle despertou illuminado pelo olhar de uma mulher que o transportou ao céu das idealidades!

Amai!

O amor é a gota de orvalho que suavisa á flor a sêde devoradora d'um sol d'estio! E' a aza de um anjo que nos envolve na candidez das suas plumas para transportar-nos ás regioes da ventura; a estrella, que nos horrores dá procella nos alevanta os olhos para o caminho da esperanza!

MACHADO TAVARES.



### Catharina de Athayde

Vamos offerecer ás amabilissimas leitoras um lindo trecho de poesia extrahido do poema em tres cantos CATHARINA DE ATHAYDE, por Antonio de Macedo Papança:

(Camões, que tem de partir para o desterro, acerca-se da janella baixa dos paços da Ribeira. Catharina encosta-se ao peitoril.)

*O poeta*

Cumpra-se a ordem d'el-rei...

A elle pouco lhe importa

A nossa magua sombria...

*Catharina*

E eu nunca mais te verei;

Quando voltares um dia,

Has de encontrar-me já morta...

*O poeta*

Morta!...

*Catharina*

De amor e saudade

*O poeta*

A alma vive de esperanças...

*Catharina*

A alma é como as crianças  
Que morrem na orphandade.

*O poeta (animando-a)*

Que desalentos os teus!

Anjo, tu has de viver....

*Catharina*

Os anjos chama-os Deus  
Se os vê no mundo a soffrer.

*O poeta*

Socega e escuta: o destino  
Vai separar-nos em breve;  
Mas posso eu deixar-te assim?  
Verga-te o corpo franzino,  
Vejo-te fria de neve,  
Estás da côr do marfim,  
E tens n'alma a negra cohorte  
De insectos mãos e funereos....

*Catharina*

Sou como a estatua que a morte  
Eleva nos cemiterios!

*O poeta*

Escuta: quando eu voltar,  
El-rei, o proprio D. João,  
Ha-de pegar-te na mão  
E conduzir-te ao altar  
Onde estarei; desde então  
Só Deus nos pôde apartar:  
Ora Deus bem se condóe  
Dos desgraçados, portanto  
Não quero ver-te esse pranto  
Nos olhos... Hei-de voltar,  
Mas rico e nobre... um heróe  
Que tu has-de abençoar...  
E depois que bellos dias,  
Que formosas primaveras  
D'amor, por entre os rosaes  
Onde tu, pomba, me esperas...

*Catharina*

Ai, nunca mais! nunca mais!

*O poeta* (lançando-lhe ao pescoço um fio com uma medalha pendente)

Fica-te nesta medalha  
O meu retrato, procura...

*Catharina* (interrompendo-o)

Leval-o p'ra sepultura  
Entre as dobras da mortalha !..

*O poeta*

Não ! mas procura occultal-o  
Ao rei, aos padres, á corte...

*Catharina*

Só poderão arranca-l-o.  
A's mãos geladas da morte !...

Fazendo esta transcrição, reproduzimos as palavras de um dos nossos colaboradores na *comunicação litteraria*, dirigida ao distinctissimo cavalheiro e illustre escriptor que se occulta sob o pseudonymo *Columbino* e publicada no folhetim — *Echos da Semana, do Cruzeiro* de 14 do corrente. Eis as alludidas palavras referentes aos versos :

— Deixo-te n'esta medalha  
O meu retrato, procura...  
— Leval-o p'ra sepultura  
Entre as dobras da mortalha.

« Não é realmente admiravel esta extensa nota de sentimento em uma simples quadra, toda rimada e em fórma de dialogo? »



### Acrostico

►mar, ó minha faceira,  
Ueste mundo é lei do fado,  
Eis porque não me foi dado  
Livre após ver-te viver ;  
►ssim, pois, ó feiticeira,  
Ingrata serás bastante,  
Uespresando quem constante  
E fiel te jura ser.

A. O.

### Desillusão

Eu sempre a suppuz  
Um ente lá do céu,  
E nisto sempre puz  
O pensamento meu.

Pensando n'ella assim  
Como um devoto em Deus,  
Eu nunca vi emfim,  
Um riso só dos seus.

Mas quando, na verdade  
De tanta seriedade  
Eu 'stava já descrente,

Vim saber um dia,  
Que ella não sorria  
Por lhe faltar um dente.

S. MARTINS.



### Soneto

A CARLOS LIMOEIRO

Em volupias dorme um ebrio na taverna  
E de alcool traz o cerebro perturbado,  
De tedio bocejando estira a perna  
E de illusões se esquece embriagado.

A' noite atiram-no para a rua  
N'um rude e grosseiro trambulhão,  
A aurora lhe desperta a idéa crua  
E nos labios finge um riso fanfarrão.

A ironia lhe trescala pelos póros.  
Ri-se de tudo: do rico e do mendigo,  
Dos sabios, dos grandes e dos tolos.

Mas sósinho a lembrar tanta «bobage,»  
No papel corre a pena sem perigo  
Que ao porvir leva o nome de—Bocage !

, M. J. F. S.

**Mote**

Vá-se embora, lá se avenha.

## GLOSA

Como lhe hei-de ter amor,  
Se me trata tanto mal?  
Já se viu tormento igual?  
Não o encaro sem horror!  
Faz do meu corpo tambor,  
E de mim tudo desdenha,  
Haverá quem entretenha  
Negocios com gente assim?...  
Pois se não gosta de mim...  
*Vá-se embora, lá se avenha.*

DR. LUIZ CARDOSO.



## MOSAICO

**O seu Cazuzo**

(Continuado por Way-Maker)

Seu Cazuzo conseguiu finalmente chegar á estação da Barra-Mansa depois de haver rolado pelas escadas do hotel da Barra onde ficou com o nariz pedindo misericórdia.

Foi a primeira cousa em que reparou a sua caríssima metade, que o esperava na estação.

— Quem lhe poz o nariz n'esse estado? exclamou ella. Andou aos beijos com alguma negra mina?

— Beijos? Chama a isto beijos? Fazia melhor se me arranjasse um pouco de arnica.!

— E as calças? Onde é que as sujou assim? Esteve comendo manteiga? Andou com crianças ao collo?

Seu Cazuzo deu um suspiro capaz de abalar a terra, e deitou á avosinha um olhar cheio de rancor.

Por felicidade d'ella o trem ia partindo, ao passo que por infelicidade sua, seu Cazuzo dava pela falta de uma cesta de maçãs, a principal encomenda de Pudina.

— Ficaram no trem!

E deitou a correr atraz d'elle, gritando:

— Espere! espere! as minhas maçãs! As maçãs de Pudina! Avósinha, atire cá a cesta!

Mas o trem já ia longe, e seu Cazuzo teve de resignar-se a soffrer as consequências da sua incorrigivel distracção.

Voltou para junto de sua cara metade, que lhe assentou uma bolacha tremenda, digna d'um poema de Voltaire.

Seu Cazuzo, assim offendido no amor-proprio de marido, deu uma vira-volta, e foi de encontro a uma preta que sustentava uma bandeja de café, rolando ambos em cima de um terceiro, que por sua vez os atirou abaixo da plataforma.

Pudina ficou com pena d'elle. As mulheres são dotadas de um coração extremamente sensível, e aquella comprehendeu que a bofetada precisava ser lavada com um beijo.

Desceu rapidamente a plata-forma e foi ajudar seu marido a erguer-se.

— Perdôa-me, sim? Eu fui má, mas estou já arrependida.

— E's um anjo! exclamou o seu Cazuzo. Anda, vamos d'ahi, que eu quero mandar um telegramma recommendando as maçãs.

D'ahi a pouco o seu Cazuzo entrava na estação e perguntava pelo telegraphista.

— E' ali, disseram-lhe.

Seu Cazuzo não andava mais ás pressas. Os trambulhões foram de um effeito prodigioso!

Dirigiu-se muito pachorrentamente, pelo braço da mulher, que o acariciava, para a sala dos telegraphos.

— Quero mandar um telegramma para... para... Ca... Cax... Caxambú!

— O que quer dizer?

— Escreva lá. E foi dictando:

« Seu Agente. Veja no trem um cesto

de maçãs, que está mesmo perto da avósinha. Não deixe os netos comel-as, e mande-as no primeiro trem. CAZUZA.»

O telegraphista riu-se, mas expediu o telegramma. Sabia zelar os interesses do thesouro!

— Custa cinco mil e duzentos, disse elle.

Seu Cazuzza pagou, olhando de soslaio para a mulher, que não dizia uma palavra.

Aquelle silencio era de mau agouro!

— Vamos sentar-nos, ali á espera meu bem?

A mulher do seu Cazuzza acompanhou-o.

Passou-se meia hora d'um silencio terrivel, seu Cazuzza tremia!

Finalmente o telegraphista exclamou:

— Eis ahi a resposta. E leu:

« Em Caxambú não ha trem, nem avósinha, nem maçãs, nem idiotas que entendam o seu Cazuzza.»

Horrivel!

A mulher do seu Cazuzza de spedia chammas do olhar.

— Caxambú! Pois é Caxambú ou Cachoeira?

Seu Cazuzza deu uma pancada na testa, reparando no engano.

Ao mesmo tempo, sua esposa, no louvavel intuito de auxiliá-lo, applicou-lhe o tomo segundo da primeira bofetada.

— Ande d'ahi! Não faz senão tolices! Lá em casa é que são ellas!

Seu Cazuzza, por um principio altamente philosophico que sustentava na sua vida conjugal, entendeu que devia fazer o que a esposa lhe mandava.

Seguiram ambos, elle cabisbaixo, em perfeito contraste com o papel que representára na estação da côrte.

O que elle procurava era seguir sempre a respeitosa distancia da sua carissima metade, lançando-lhe de vez em quando um olhar cheio de medo.

— Meu bem?... disse elle ja perto de casa.

— Salte! As contas são com sua sogra.

— Ai... resmungou o seu Cazuzza, ao ver a sua respeitavel sogra varrendo a casa.

— Trouxe o meu papagaio? foi a primeira coisa que ella lhe perguntou.

— Ai, minha querida sogra, esqueci-me...

— Esqueceu-se? Ande, isso é para não tornar a esquecer-se!

E a sogra do seu Cazuzza applicou-lhe uma tremenda vassourada.

Pelo mesmo principio de ha pouco seu Cazuzza entendeu que não devia replicar, e foi sentar-se a um canto, acabrunhado.

Sua esposa acompanhou-o.

— Vamos a contas, disse ella.

Seu Cazuzza tirou do bolso algumas notas de 500 réis e 1\$000 réis.

— Está ahi, exclamou.

— Pois gastou todo o dinheiro que lhe dei, sem trazer as minhas encommendas? Veja isto, minha mãe!

A sogra do seu Cazuzza não se fez de rogada e com a mesma vassoura com que varria, começou a sacudir-lhe o pó das costas, com espantosa actividade.

.....

Algumas horas depois seu Cazuzza estava prostrado sobre o leito, imaginando nos desastres da viagem e na recepção, resolvendo addicionar ao seu codigo intimo os seguintes artigos:

1.º Não ser mais Maricas.

2.º Não tornar a casar-se com mulheres versadas na sciencia da bolacha.

3.º Publicar um manifesto contra as sogras e propor a extincção das vassouras no lar domestico.

